

## Trabalhos Científicos

**Título:** Análise Epidemiológica Da Frequência De Hanseníase No Nordeste Em Crianças De 0 A 14 Anos, Entre 2013 E 2023

**Autores:** ÍCARO GAVA MUNIZ DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)), CAROLINA SOUZA ALVES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)), MARIA FERNANDA VIEIRA MARTINS DE MELLO (UNIVERSIDADE POTIGUAR (UNP))

**Resumo:** A hanseníase é um importante problema de saúde pública brasileiro, uma vez que o país ocupa a segunda posição entre os países que registram novos casos no mundo. A doença é fortemente relacionada a condições ambientais, econômicas e sociais desfavoráveis e possui maior incidência na região nordeste, acometendo todas as faixas etárias, inclusive a pediátrica de 0 a 14 anos, podendo causar consequências irreversíveis se não tratada. Analisar a epidemiologia da frequência de hanseníase em crianças de 0 a 14 anos, na região Nordeste, no período de 2013 a 2022. Estudo descritivo, quantitativo e retrospectivo, com dados coletados em julho de 2024 no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), através da plataforma DATASUS. Foram selecionadas as variáveis região/UF de notificação, ano de notificação, faixa etária 0 a 14 anos, raça e sexo. Entre 2013 a 2022, a frequência de casos de hanseníase notificados em crianças de 0 a 14 anos foi 9.110 na região Nordeste do Brasil, sendo, o que corresponde a 6,48% do total de casos da região, a qual se configura, até então, como a mais acometida do país. Acerca disso, a unidade da federação mais afetada foi Maranhão, com um total de 3.266 notificações (35,85%), seguida de Pernambuco com 2.029 (22,27%). Em paralelo, o Rio Grande do Norte apresentou uma frequência de 140 (1,54%). Durante o período analisado, o ano com mais registros foi 2013, com 1.281 (14,06%) e o com menos registros foi em 2021 com 435 (4,77%), o que equivale a uma variação de 66,04%. Em relação ao sexo, durante o período observado, a frequência foi de 4.834 no sexo masculino (53,06%) e 4.278 no sexo feminino (46,94%). Já em relação à raça, a frequência foi de 6.232 na parda (68,4%), 1.209 na branca (13,27%), 1.127 na preta (12,37%), 68 na amarela (0,74%), 29 indígena (0,31%) e 445 não identificados (4,88%). Com a análise, evidencia-se uma tendência a diminuição dos números de casos em crianças de 0 a 14 anos na região nordeste, o que demonstra que as políticas públicas de combate à hanseníase têm funcionado, entretanto, os números continuam alarmantes quando comparados às demais regiões do Brasil, reforçando a necessidade de intensificação dessas estratégias. Não observou-se variação significativa de incidência entre os sexos. Em relação à raça, observou-se uma divergência quando comparada à distribuição populacional do nordeste. Acerca disso, percebe-se que os pardos são mais acometidos pela doença e os brancos menos acometidos, visto que os últimos dois Censos, 2010 e 2022, relatam que cerca de 59% da população nordestina são pardos e que brancos variaram entre 29 e 27%, respectivamente. Compreender essa realidade é imprescindível para direcionar intervenções e tratamentos eficazes da doença, com o entendimento das fragilidades regionais em relação a essa enfermidade.